

influencia, o portuguez obedece com suas co-irmãs a corrente *analytica*, que assignala a evolução das linguas modernas para a clareza na expressão verbal do pensamento. Nesta evolução, que accusa o progresso do espirito humano, os termos tendem a fixar-se e a desenvolver sentidos novos pelas posições, que podem occupar na sentença. Apesar, porém, desta tendencia genial das linguas neo-latinas, o portuguez, todavia, guarda, para o genio dos *estylistas*, os recursos preciosos de sua nativa liberdade.

CAPITULO X

II. REGENCIA

460. As palavras combinam-se na formação da sentença em grupos logicos de *coordenação* e de *subordinação*, como já vimos.

Nos grupos de subordinação dá-se a *regencia grammatical*, que é a propriedade de terem certas palavras outras sob sua dependencia, que lhes explanam o sentido. Donde se vê que as palavras *regidas* são complementos das *regentes*, estas se dizem *subordinantes*, e aquellas *subordinadas*. A subordinação ou regencia expressa-se pela *preposição*, p. ex.: *a flor do campo*, onde *flor* (regente) rege *campo* (regido), por meio da prepos. *de*, sendo, portanto, *do campo* complemento de *flor*, antecedente da preposição. Por sua vez a propria prepos. *de* rege o subst. *campo*, que é, por isso, o seu complemento. — O verbo transitivo, na regencia do objecto, dispensa a preposição, e rege-o directamente, como já temos estudado (*amo o estudo*).

461. As relações regenciaes ou de subordinação, em portuguez, são logicamente as mesmas que em latim, porém a sua expressão verbal varia grandemente. A obliteração dos *casos* trouxe grande alteração no aspecto estrutural da phrase. A função de regencia ou complementar dos termos accessorios da sentença, tendo deixado de ser *synthetically* expressa pelas desinencias casuaes, passou a sê-lo *analytically* pelas preposições. Ampliou-se desta sorte

o parco uso que destas particulas subordinativas já fazia o latim.

462. Uma das alterações mais curiosas no processo regencial latino está no emprego da preposição *de* para substituir o *genitivo*. A idéa de *posse* era uma das relações principaes, indicada por este caso latino: *Petri galerus* = *o chapéu de Pedro*.

Desenvolveu-se, no latim medieval, esta idéa na prep. *de* (que a ella era extranha em seu uso classico), como passamos a explanar.

O *genitivo* latino expressava a idéa de *posse* sob aspectos differentes — o *subjectivo* e o *objectivo*. No *genitivo subjectivo* (*Petri galerus*), o substantivo no *genitivo* (*Petri*) era o *sujeito* ou *agente* da *posse*; no *genitivo objectivo* (*legis timor* = *o temor da lei*), o substantivo no *genitivo* (*legis*) era o *objecto* ou o *paciente* da *posse*. Neste ultimo caso, o *genitivo* expressa uma causa em relação a certo effeito, uma origem em relação a uma certa consequencia. “Ora, observa Bourciez, já no latim classico, para se extrahir de um todo uma parte, ao lado do *genitivo* (*pars militum*), poder-se-ia empregar — *ex, ab, de* (*pauci de nostris* = *poucos dos nossos, Cões*). Foi este ponto de partida, que permittiu levar mais longe as extensões analogicas”.

O movimento psychologico veio auxiliar a evolução da phrase. Uma das idéas classicas da preposição *de* era — *procedencia, origem*, que facilmente se relaciona com a idéa de *posse*, pois a coisa possuida se prende ao possuidor como a sua origem ou procedencia. Na phrase — *de tauro corium protulit* (Hyg. fab. 195, ap. Bourciez), o *couro que provém do touro* póde ser considerado como parte integrante delle ou como por elle possuido. “Dahi resulta que *corium de tauro* substituiu progressivamente o *tauri corium*”.

Mais: a preposição *de* tem ainda no latim classico o sentido de — *em relação a, em respeito de*. Assim da phrase — *De triumpho autem nulla me cupiditas tenuit* (= *a respeito de triumpho nenbum desejo se apoderou de mim*, Cic. ep. ad Att. 7, 2, 6), onde *de triumpho* significa — *a respeito de, em relação a*, póde-se facilmente extrahir um gru-

po nominal — *cupiditas de triumpho* equivalente a — *triumphi cupiditas* (= desejo de triumpho) com genitivo objectivo.

Por esse duplo movimento psychologico, crearam-se, e pouco a pouco se implantaram nas linguas romanicas esses grupos nominaes de subordinação, que expressam, de modo analytico, as diversas relações do genitivo.

Ao mesmo tempo que se ia evoluendo a phase, a ordem synthetica — *Petri galerus* ia sendo substituida pela ordem analytica — *galerus Petri* e *galerus de Petro* (Bourciez).

463. Um outro emprego da prepos. *de*, como mera *particula de realce*, desenvolveu-se, e se fixou em portuguez, em grupos como este: *o pobre do homem*. Consiste elle, como se vê, em se interpor entre o adjectivo e o seu substantivo ou pronome, a prepos. *de*, com o intuito de dar *emphase* áquelle. p. ex.: *o pobre do homem, infeliz de mim, coitado della*. Deste modo o grupo de coordenação (*o pobre homem*) torna-se grupo de subordinação (*o pobre do homem*), não deixando, entretanto, o substantivo de exercer attracção sobre o adjectivo, que com elle concorda em genero e numero.

Em hespanhol tal processo existe — *el bueno del arriero*, e no velho francez temos d'elle vestígio — *ma lasse d'âme, sa vieille de mère* (Bourciez).

Pois, Senhor, a pura da verdade... é... que a Pulcheria... (A. C.)— Ah! velho parvo de mim (A. Ferr., Cast. 204) — Oh! o cachorro do vizinho (por — o vizinho cachorro) me fez isso? — O diacho do boi não apparece — Coitadinhos de vós! (Fab. 35)

Que doudo pensamento he o que sigo?

Após que vão cuidado vou correndo?

Sem ventura de mim! que não me entendo;

Nem o que calo sei, nem o que digo!

(C., Obs. 2. 61)

464. Phenomenos semelhantes observam-se com certos nomes que designam *quantidade indeterminada*, taes como: — *Pouco, algo, nada, que (quid)*. Estes nomes ao lado do grupo de coordenação, comportam grupo de subordinação: — *pouca agua e pouco d'agua, algo bom e algo de bom, nada novo e nada de novo, que povo e que de povo, o que ha novo e o que ha de novo*.

Este processo filia-se ao latim, onde os adjectivos qualificativos neutros substantivados e adverbios de quantidade — *nihil, multum, paulum, minus, quid, aliquid, quod, parum, id, satis* — regem genitivo partitivo: *Homo sum: humani nil (nihil) a me alienum puto* (Ter.), *multum copiarum, plurimum auri, parum frondis, plus auri, id temporis*: — *Quod auri, quod argenti, quod ornamentorum in urbibus Siciliae fuit id Verro abstulit*. — A este processo latino podemos ainda filiar nossa expressão familiar: *isto de lucros são conversas fiadas, isto de andar daqui para alli não me agrada*.

Dá-se o cruzamento syntactico entre o grupo de coordenação (*pouca agua*) e o de subordinação (*pouco de agua*), produzindo — *uma pouca de agua, uma pouca de farinha*. No portuguez archaico eram muito mais communs estes grupos de subordinação.

Sen muita de bõa maña
que deu a un seu prelado,
que primade foi despaña
e affonso era chamado

(Q. da L. Port. 98, sec. XIII)

Per muitas de maneiras (Q. da L. Port. Ib. 113)— Assaz é de pouco saber, quem se mata pelo que não pôde haver (Prov.).

165. O objecto ou o regimen directo, como já vimos, expresso pelo accusativo latino, é regido, em portuguez como em latim, directamente pelo verbo transitivo, isto é, sem intervenção de preposição, p. ex.: *Labor omnia vincit = o esforço vence tudo*.

Entretanto na peninsula Iberica, já desde o seculo XI, desenvolvia-se um processo novo, inteiramente extranho ao latim classico, de se reger o objecto com a preposição *ad*, processo que se fixou em portuguez com grande vantagem para a clareza e variedade da phrase.

A preposição só se antepunha quando o objecto designava um ente animado (*decepit ad suo germano*), e levava o intuito de lhe dar proeminencia, mostrando o seu interesse na acção, verbal, “como o ponto a que ella se dirige, ao passo que as cousas e os seres inanimados apenas a recebem pura e simplesmente”.

Subordinando-se a esse processo medieval, o portuguez rege com a prepos. *a* o seu objecto, quando nome de *pessoa* ou de *seres vivos*, tornando-se de rigor a regencia toda vez que o *objecto* ou o *sujeito* deslocados poder-se-iam reciprocamente confundir: *Ao caçador matou o leão*. No caso de confusão ou ambiguidade, é de rigor a regencia da prepos. *a*, mesmo com objecto de seres inanimados: *Ao braço move a machina*.

E ainda com o mesmo objecto de seres inanimados apparece não raro em bons escriptores a regencia da prepos. *a*, toda vez que o verbo exprime acção ordinariamente practicada por seres animados, pois que, neste caso, ha uma influencia psychologica, isto é, o espirito, por habitual suggestão, comunica certa vida ao objecto, interessando-o na acção vèrbal: *Não ameis ao mundo* (A. P.), *vence ao mundo* (Id.), *a noite segue ao dia, a preposição rege ao substantivo*.

Desapparece a regencia da preposição, quando ha na phrase um *dativo* ou complemento terminativo, que evoca para si caracteristicamente a prepos. *a*, pois haveria então confusão entre o accusativo (*objecto*) e o dativo (*compl. terminativo*). Dá-se isto com os verbos transitivos-relativos: *elle entregou o filho ao pae, e deu Pedro a Paulo*, e não — *elle entregou ao filho ao pae, e deu a Pedro a Paulo*.

A regencia da prepos. *a* é indispensavel quando o objecto é representado pelas fórmãs tónicas dos pronomes: *amar a mim, a ti, a elle, a nós, a vós, a elles*. O dativo, porém, tem preferencia a taes fórmãs, e lhe é vedado fazer de accusativo desde que haja na oração algumas dellas que representem aquelle caso, pois haveria baralhamento de relações, como — *entregar a mim a ella*; dir-se-á — *entregar-me a ella* ou *entregá-lâ a mim*.

466. Uma outra regencia em relação ao *objecto* desenvolveu-se na baixa latinidade, e passou para o portuguez, francez e italiano. Consistia ella em reger o objecto, que designava coisa ou seres inanimados, com a prepos. *de* com valor *partitivo*, para indicar que não se tractava da totalidade, mas de uma parte da coisa indicada pelo *objectivo directo*:

Da *mihī* de draps sancto Caesari; transmissus tibi de illo pane; probato si inde potis manducare (Form. Sen. add. I, 21, ap. Bourciez).

Já no latim classico se encontram exemplos deste processo: *De præda parcus dederat* (Liv. 45. 35).

No latim da decadencia encontram-se delle exemplos mais frequentes, p. ex., na *Vulgata*:

Afferte de piscibus (Joan 21.10); catelli edunt de micis (Matth. 15.27) = trazei dos peixes. os cachorrinhos comem das migalhas.

Tal processo syntactico fixou-se largamente em francez, onde a prepos. *de* combinada geralmente com o artigo (*de, la, les*), constituem um adjectivo *partitivo* (artigo partitivo): *je veux du pain, on mange de la viande, j'ai des choses à te dire*.

Mais largo era o uso que deste processo fazia o v. port. (564).

467. O infinitivo regido de preposição, tão commum em portuguez, é regencia extranha ao latim classico (*cogitar de resistir = cogitare resistere*). Segundo Bourciez, esta syntaxe neo-latina nasceu do *cruzamento* de dois typos latinos. O gerundio latino podia ser regido de preposição: — *Syriam ad diripiendum tradisses* (Cic.). Entre — *aggredior dicere* e *aggredior ad dicendum*, dar-se-ia um cruzamento syntactico, cujo producto seria um terceiro typo de phrase — *aggredior ad dicere*. Assim, pondera o já citado auctor, *entre cogitabat resistere* e *de resistendo cogitabat* (Cæs. B. B. 2. 34), a fusão podia em principio operar-se e dar em resultado — *cogitabat de resistere*. Taes typos syntacticos, se bem que raros, apparecem, todavia, no latim da decadencia: *carnem dare ad manducare* (J. C. 52. Itala).

Desenvolveu-se exuberantemente no portuguez archaico e até entre os classicos quinhentistas e seiscentistas o infinito preposicional, e só modernamente, apesar de A. Castilho, Garrett e Filinto, vae a lingua reagindo contra a regencia da preposição após certos verbos transitivos, como — *desejar, prometter, determinar, esperar, ordenar, caber, jurar, ousar*, etc. Exs.:

E depois que toi esperto
Logo de comer pedia — (Ib. 108)

Não cuidei eu a desejar
Vosso ben, a vosso pesar — (Ib. 161)

Senhor que grav o'ja mi é
De me aver de vós a partir — (Ib. 162)

Non avedes muito a viver (Chrest. Arch. 51) — Que avias a veer?
(Ib. 51) — Nos, as meninas, punhemos d'andar con vossas madres
(Chrest. Arch. 347).

Si, tome-me lá Florença,
E cumpramos a sentença;
Ordenemos de partir (G. V.)

468. Vestigios deste largo uso da prepos. *de* temo-
na dupla regencia de muitos verbos seguidos do infinito
dever sáhir ou *de sáhir*, *precisar fazer* ou *de fazer*, *folgar*
ver ou *de ver*, *carecer ir* ou *de ir*, *escusar fingir* ou *de fin-*
gir. Porém, se seguirmos a auctoridade de A. F. de Castilho,
neste ponto se atem ao uso classico, a lista dos verbos que
podem reger facultativamente o infinitivo puro ou preposi-
cional em relação objectiva, alarga-se indefinidamente, como
se póde ver das seguintes amostras:

Não merecia de ter morrido (A. C.) — Usa de sustentar-se com
facil rebusco de artigos periodicos (Id.) — Determina de se casar com a
princeza Julieta (Id.) — Continuarem de consentir (Id.) — Escusa de
esfaltar-se (Id.) — Juro de o proscrever (Id.) — Aos que desejarem de o
saber (Id.) — Receio de não responder como deves (F. Elys.) — E vos
prometto de estar pelo que elle diga (Id.) — Tenho proposto de o tra-
duzir (Id.) — Affecto de o tractar de igual a igual (Id.) — Não receio
de saltar por cima do cadaver do monge (A. H.) — O tracto mercantil
principiou de rasgar mais largo vôo (L. C.) — Succedendo de passar pela
rua de St. Antão, dois mascaras e cavallo o investiram com zombarias
e motejos... (L. C., C. 137) — Que fé merecem homens que não duvidam
de quebrar as promessas solemnes feitas ao kalifa (A. H., L. e N. I. 5).

E' frequente a supressão da prepos. *de* antes de *que*:
Eu forgaria muyto... que nos assentassemos (H. P., ap.
Epiphanio).

469. *Fazer*, *deixar*, *ver*, *ouvir*. Seguidos do infinitivo,
podem estes verbos reclamar no *accusativo* ou no *dativo* o
sujeito desses infinitivos, como já vimos: *fazê-lo* ou *fazer-*

lhe sentar, deixá-lo. ou deixar-lhe fallar, vê-lo ou ver-lhe sabir, ouvi-lo ou ouvir-lhe dizer. Em taes construcções, o *dativo* não vem do lat. class., onde o sujeito do infinitivo, ia para *accusativo*. O *dativo* é um processo oriundo da b. lat. tinidade, como se vê no seguinte exemplo citado por Diez: *Hæc comitibus scire faciant.* Porém, o *dativo* apresenta-se ahi, como pondera Diez, com certo caracter de actividade, e por isso é elle repellido toda vez que o verbo no infinitivo não comporta este caracter por ser *neutro* ou *passivo*: *fazê-lo prender (ser preso)* e não *fazer-lhe prender*; *deixá-lo morrer*, e não *deixar-lhe morrer*; *vê-lo soffrer*, e não — *ver-lhe soffrer.* “Nenhumas outras os façam adoecer (A. V., C., I. 203).

470. *Mandar*, como os antecedentes, rege o infinitivo puro com o sujeito deste em *accusativo*: *Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo* (A. V., S. 5. 248). Porém, differentemente delles, passa para *dativo*, isto é, para objecto-indirecto esse sujeito, desde que a clausula infinitiva se converta em clausula do modo finito, que neste caso fica com sujeito grammatical latente, inexpresso: *Mandou-lhes o Senhor que prégassem pelo mundo — mandou-lhes que levassem dinheiro* (A. V., S. 5. 248). Em a) *mandá-lo enforçar* = *mandar que elle fosse enforcado* e b) *mandar enforcá-lo* = *mandar que o enforcassem*, ha, na coincidencia de sentido logico, a divergencia analytica da voz passiva e da voz activa, sendo no 1.º exemplo *indeterminado o agente* e no 2.º o *sujeito-agente*.

A’ porta do passo achei o mestre do navio do Maranhão, que me disse o mandara chamar el-rei para lhe dizer, que o havia de mandar enforçar, se em seu navio fosse o padre Antonio Vieira (A. V., C. 143) — Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo e prohibiu-lhes nomeadamente que não tivessem oiro nem prata (cf. prohibiu-os ter ouro ou prata) — Metteu me na mão um decreto... no qual lhe mandava me dissesse... que lhe fosse fallar (A. V., C. I., 45).

Cumprê observar que esse *accusativo* (o), sujeito do infinito, passa para *dativo* (*lhe*), desde que esse infinito reclame a presença de *accusativo-objecto*; mostra esse phenomeno curioso o seguinte exemplo:

Vossa Magestade... tem mandado o governador e os padres a diferentes indios das mesmas nações, para que lhes refiram o novo trato que vossa majestade *lhes* mandou fazer (A. V., C. I. 66).

Obs. Este *dativo* no logar do *accusativo*, tanto neste caso da clausula infinitiva, como no da clausula correspondente do modo finito acima estudado, corrobora a doutrina de que o portuguez não tolera, como o lat., dois *accusativos* diversos a um mesmo verbo; por isso diremos — *mandei-o sahir*, porém — *mandei-lhe que sabisse*, *mandei-lhe fazer o trabalho*, *eu lh'o mandei fazer*.

Frequentemente succede que o *dativo* *lhe* juncto ao verbo *mandar* é reclamado como objecto-indirecto pelo infinito que o segue, p. ex :

Emquanto Affonso de Albuquerque não rompeo de todo com elle, secretamente mandou-lhe pedir seguro pera sua pessoa, filhos e genros cõ sua familia (Barros, ap. D. Vieira) — E por este Coge Amir ser homem tão conhecido, *lhe* mandou dar alguma fazenda d'elRey (Damião de Goes, ib.).

471. *Fazer com que*. Quando convertemos a oração infinitiva do verbo *fazer* (*fê-lo sahir*) em oração do modo finito (*fez que elle sabisse*), pôde o verbo *fazer* reger a prepos. *com* (*fez com que elle sabisse*). Este ultimo typo de regencia nasceu de um *cruzamento syntactico*. O v. port. dava a esta phrase um torneio já hoje archaizado, como se vê do seguinte passo das Décadas de João de Barros: "*Pera executar este proposito fizeram com o Catual que os retivesse*". (Dec. I. Liv. IV, p. 351). Ao lado desta, desenvolveu-se esta outra,, que é hoje vigente — *fizeram que o Catual os retivesse*; e da fusão das duas resultou o seguinte typo, em pleno vigor: — *fizeram com que o Catual os retivesse*.

Nota. Era corrente entre os quinhentistas esta syntaxe do verbo *fazer*: "E porque ho Rey de Ormuz ja dantes pagava parcas ao dito Sufy, *fez com ho governador Afonso dalbuquerque lhe mandasse embaixador*" (Itinerario de Antonio Tenrreyro, p. 37, Perigr. de M. Pinto, vol. 4, p. 37). — Já no sec. anterior escrevia Ruy de Pina: "Onde o Ifante com pallavras muy honestas e virtuosas *lhe* apontou, que por *assesego* de tantos alvoroços e onçoões, *fyzesse* com elles que *lhe* entregassem o Castelo (Ined. de Hist. Port. I, p. 263, Chr. de D. Aff. V.) — Embora archaica, imitou A. Herculano a syntaxe de João de Barros no seguinte passo: "*Hixam fez com o amir que acceitasse estas propozições*" (H. de Port. I. 85).

Faz, Senhor d'altos prodigios,
Com que a mente empedernida
 Não se aparte desta vida
 Sem sentir a sancta fé (G. D., Poes. 2. 11)

472. SUJEITO REGIDO DE PROPOSIÇÃO. Por analogia com o *objecto*, regia o v. port. ao *sujeito*, com a preposição (*a*, *de*), quando este era expresso pelo infinitivo: *custa a crer*, *convem a saber*.

Ca, se verdade. quiserdes achar
outro caminho *convem a buscar*,
ca non saben aqui d'ela mandado (Chrest. Arch. 191)

Compre *de conhecer* as cousas... e por esto lhe compre *de se trabalhar* de saber bem conhecer todas estas cousas (T. Arch. 56, 57 — D. Duarte, sec. xv) — Pero he-lhe necessario *de saber* conhecer de que guisa pode melhor filhar aquelle porco (T. Arch., 56) — Era cousa singular *de veer* que en derredor do leito estavam moços pequenos mui fortemente chorando (Chrest. Arch., 108) — Sendo ele de idade, *conven a saber*, LX anos (Chrest. Arch. 108) — Sua alteza estava doente... e foi mais facil de persuadir... muito mais facil de conceder (A. V., Cart. 46, 203).

Melhor é de seer traedor
ca (=que) morrer escommungado (Chrest. Arch., 201).

Obs. Tal syntaxe, já hoje archaica, tem sido reproduzida por alguns notaveis escriptores modernos, acerrimos imitadores do fallar antigo, como A. Castilho, Garrett.

Desaire real seria de a deixar sem premio (G.) — E' proposito de mor gloria lhe dar no ignoto oriente (Id.) — A mãe já lhe custa a andar (A. C.) — Ainda agora nos não pesa de o haver-mos feito (A. C.) — Com certeza ; até me custa a fallar (A. C., Doc. O. de sc. 141).

473. CRUZAMENTO SYNTACTICO. Em um cruzamento syntactico temos a explicação do seguinte typo anormal de regencia — *quando foi da guerra dos francezes*. Tal construcção, segundo Julio Moreira, nasceu do baralhamento de duas construcções normaes equivalentes — *quando foi a guerra dos francezes*; a prepos. *de*, da ultima phrase, attrahida pela equivalencia dos grupos — *quando foi e no tempo*, fixou-se definitivamente depois de *foi*, tomando a primeira phrase pela segunda. A phrase é evidentemente uma contracção de — *quando foi o tempo da guerra dos francezes*. Escriptores ha que ainda a abreviam elidindo o verbo — *quando da guerra dos francezes*.

Aristoteles mal teria a barba russa quando foi d'aquelle seu ultimo namoro (G., Viag. I. 69).

474. Entre os verbos, que admittem mais de uma regencia para complementos reclamados pela sua significação, mencionamos os seguintes:

1. Assistir — RELATIVO — *ao enterro, ao doente, ou em algum logar.*

Vierão assistir ao enterramento (apud: Moraes) — Embarcou para Tanger onde assistiu nove annos (Ib.)

Dá-lhe Moraes valor *transitivo* no sentido de servir, e de facto elle se presta á conversão passiva:

Fazer competencia de quem mais ha de assistir o principe (A. V., ap. Moraes).

2. Attender — TRANSITIVO — *as partes, o requerimento, a pretensão* (Moraes), e RELATIVO — *ao perigo, aos negocios, aos rogos* (Bluteau).

He necessario *attender* aos negocios domesticos (Bluteau) — *Atten-da-o* (ao herdeiro) donde quer que seja (Ord. Aff. 4. 107, 8, ap. Moraes).

No v. port. era transitivo no sentido de esperar, que ainda conserva em fr. *attendre*: “Vim atendeu meu amigo” (O Ant. Vern 61).

3. Chamar — TRANSITIVO OU RELATIVO — *chamá-lo tolo* ou *chamar-lhe tolo*. Esta ultima regencia é mais usual entre os classicos, e a outra se justifica com a conversão passiva — *ser elle chamado tolo*.

Novidades lhe chamais (C. Obrs. 3. 17) — Como hoje lhes chamariam (A. C., Os Fast. 1. 323) — Com maduros varões por isso elege Romulo entre o mais povo, os chama Padres, e da nascente Roma os encarrega (A. C., Os Fast., 3. 11) — Antes lhe chamarás refugio de todos os males (L. C., Cam. 55).

4. Filiar TRANSITIVO-RELATIVO — *filiar-se' a' alguma sociedade*, e, mais raramente, *a' alguma sociedade*.

“O comico portuguez, como o hespanhol, filiam a sua eschola dramatica e a sua fórma literaria nas mesmas tradições e nas mesmas origens (L. C.) — Filiar-se na associação catholica (Aulete) — Filiou-se no partido republicano ou ao partido republicano (E. Carneiro)

5. Forrar-se — rege *a* e *de* — *forrar-se aos trabalhos e dos trabalhos.*

Os mais por se forrarem ao descommodo e trabalhos do seculo (L. C., ap. Aulete).

6. Incorporar — rege *em*, *com* e, menos frequentemente, *a*, além do *accusativo*, que possa ter.

Incorporou-se na fazenda real o rendimento das terças dos bens dos Concelhos (Art. de Furt., ap. E. Carneiro) — Incorporar no meu dominio uma porção do seu valor (A. H., Hist. de Port. 237) — E incorporaram aquellas pobres mulheres com as recémvindas (A. H., Op. II. 303) — Incorporar uma provincia a um reino, á Igreja de Jesus Christo todos os povos da terra (Dicc. Vieira).

7. Investir — TRANSITIVO, OU RELATIVO com a prepos. *com* no sentido de *accommetter*, — *investi-lo* ou *investir com elle.*

O touro arremette contra elle. Uma e muitas vezes o investe cego e irado (R. da Silva) — Investiram com os bésteiros que desordenadamente recuaram (R. da S., O. Velh. 65) — Investindo com elle a braços, o feriram no rosto (Aulete) — Succedendo de passar pela rua de St. Antão, dois mascaras a cavallo o investiram com zombarias e motejos... leva da espada e fere a Gonçalo Borges na refrega (L. C., Cam. 137) — Eis que o investe um grande peixe (A. V.) — Invistamos esta noite com os Felistheus, e destronemo-los (A. P., 4 Reis XIV 36).

E' corrente, como attesta o Dr. E. Carneiro, se bem que não abornado em nossos dictionarios, o dizer-se — *investir ao, contra* e *para* (o touro).

8. Responder — rege *accusativo* daquillo que se responde, e *dativo* daquillo ou daquelle a que se responde — *responder isto* ou *a isto.*

O mouro responde estas palavras (Fr. Gaspar) — Ponho em papel o que de palavra lhe respondi (A. V., C. 2, 1) — Respondo ao restante da carta (Ib. 2. 88) — Acho-me com duas de vossa mercê a que responderei brevemente (Ib. 146) — E depois de lhe responder a certas perguntas... lhe mostrou a carta (F. M. P., Per. I. 163) — Então te responderemos a tuas perguntas (Ib.) — Ao que elle respondeu que era verdade (J. de B., Doc. II liv. 6. c. 5) — Respondendo ao officio de V. Exc., não pude responder á carta (A. H., C. I.259, 234).

9. Presidir — rege de preferencia *dativo*, e raramente *accusativo*, embora se preste á inversão passiva.

Inquiria aqui o crescimento de uma planta, a cujos principios presidia (L. C.) — Afigura-se-lhe que leis immutaveis e harmonicas presidiam á revolução da humanidade (Id.) — O que presidia o congresso, respondeu (Ap. Moraes) — Aos aditos presido (A. C., Os Fast. 1. 19) — Póde tambem reger a prepos. *em*: Presidindo na igreja o papa Leão X (L. de S., V. do Arch. 1. 3. ap. E. Carneiro) — Sendo este o officio e obrigação do tribunal em que vossa senhoria preside (A. V., C. I. 179) — Sua dupla regencia já vem do lat. : *ut urbi praesiderent* (Liv.), *praesidere littus* (Tac.).

10. Satisfazer — TRANSITIVO e RELATIVO — *satisfazer o desejo e ao desejo, satisfazê-lo ou satisfazer-lhe.*

Esta preza o não satisiez (J. de B., Dec. 1. 93) —... o qual querendo satisfazer aos serviços, e ajudas que lhe o Conde D. Henrique tinha feito, não achou cousa mais digna... (Id., ib. 8) — Soube bem satisfazer sua tenção (Palm. I. 3) — Bastam os frios de Coimbra para satisfazerem á vontade de nossos amigos (A. V., C. I. 108) — El-rei viera satisfazer os odios de D. Leonor (A. H., J. e N. 1. 227).

11. Deparar, do lat. *de + parare*. Moraes, seguindo a Bluteau, e Silva Tullio (em seus *Estudiosos*) e Moraes, e o Snr. Candido de Figueiredo a estes auctores, acham incorrecto dar a este verbo a accepção relativa de *deparar com*. Em seu Novo Dicc. diz C. de Figueiredo "*Deparar* — fazer apparecer. Apresentar inesperadamente: *deparou-me o acaso um amigo*. — Tem-se usado com a significação de *encontrar alguém ou alguma coisa, topar*, mas não é correcto". Mostra, entretanto, Heraclito Graça, em sua obra *Factos da Linguagem*, p. 141—153, que esse verbo admite não só a accepção transitivo-relativo de Bluteau (*deparou-me a fortuna este homem*), perfilhada pelo Novo Dicc., mas ainda a accepção transitiva, e a relativa com a preposição *com*. Aulete e Domingos Vieira registram estas accepções.

Qual no mundo o santo que depara as coisas perdidas? (A. V., ap. Dicc. Contemp.) — Pedia ao padre Santo Antonio que lhe deparasse a cabra perdida (A. V., ib.) — Depara-nos a caça umas feras (Bluteau) — Oh! que se então meus olhos deparassem com o roubador (A. C., N. do Castello, c. 3, ap. F. da Ling.) — Deparou com uma perla o gallo um dia (Fab. liv. 1, fab. 20) — Deparamos por ventura ainda com algum Viriato...? (G., Catão, c. 5, sc. 7.^a) — Deparara co'esses paços da fada Altina (G. Ib. 4, 18) — Deparam com centos de homens cevados na leitura da antiguidade (C. C. B., Os Martyres, t. 1, p. 4. ap. Fact. da Ling.)

12. Perdoar, TRANSITIVO-RELATIVO, com accusativo da coisa e dativo da pessoa: *perdoar alguma coisa a alguém.*

perdoar-lh'a. No v. port. ia ás vezes a pessoa para accusativo, como acontece ainda hoje no fallar do povo — *perdoar o criminoso* por — *ao criminoso*. Na inversão passiva, tanto o accusativo como o dativo passam para o nómimativo-sujeito: *o criminoso* ou *o crime foi perdoado*.

Queria perdoar-lhe o rei benino (C.) — Quem lhe perdoará? (C. C. B.) — Perdôo-te o mal que me fazes pelo bem que me sabes. (Prov.).

13. Pagar, igualmente TRANSITIVO-RELATIVO com *accusativo* da coisa e *dativo* da pessoa: *pagar a divida ao credor*, *pagar-lh'a*. — Na inversão passiva, tanto o objecto directo como o indirecto podem ir para sujeito: *a divida* ou *o credor* *foi pago*.

Invente-os você, se quizer, que para isso lhe pagam (C. C. B.) — Os gallegos ficaram em terra, para lhes pagar (C. C. B., Noviss. Est., 325).

475. MUDANÇA DE REGENCIA. Nesta instabilidade regencial dá-se a frequente archaização de uma regencia e fixação de outra, do que damos em seguida algumas amostras.

1. Perguntar — só admite hoje *accusativo* da coisa e *dativo* da pessoa: *perguntar alguma coisa a alguém*. No v. port. regia *accusativo* da pessoa:

En Santiago seendo albergado,
em minha pousada chegarom romeos,
perguntei-os e disserom (Vern. 98).

2. Replicar — dá-se com este v. o mesmo phenomeno que com o antecedente:

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei
eu la reprecara : a mi lee nom irey (Ib. 34).

3. Agradar e seu composto *desagradar* eram usualmente, até o sec. XVII, transitivos *directos* e *indirectos*, regiam *accusativo* ou *dativo* da pessoa:

Aos que mais o seriam e o agradavam, pagava-lhe com a sua graça (A. V., S. 2. 81, ap. E. Carneiro) — Todos os outros titulos que damos a esta Senhora, lhe agradam muito (Id. II. 199, ib.).

Predomina hoje nos modernos escriptores de nota o *dativo*:

Muito lhe agradeço aspirar ir á igreja com quem a ama e lhe agrada (A. C., O Doent. 199).

4. **Haver e começar**, seguidos do infinito, admittiam no v. port. trez regencias: *haver* ou *começar*, *fazer*, *a fazer* e *de fazer*. Archaizou-se a primeira, e só o verbo *haver* esporadicamente apparece nos modernos escriptores seguido do infinitivo puro: "Como havia resistir-lhe, se ella pedia chorando (G. D.)" — Vingou a terceira em ambos (*haver* ou *começar de fazer*), e a segunda em *começar* (*começar a fazer*).

5. **Obedecer** e seu composto *desobedecer* regiam *dativo* e *accusativo* até Vieira:

Mas esta carta me encontrou de maneira que não pude deixar de a obedecer (A. V.) — Não fui eu o que a desobedecei (A. V., C. I. 18) — Contei este caso pollo meudo, porque se veja com quanto concerto (acordo) e recado (recato) fazem suas cousas e com quanta diligencia obedecem os seus mandados (Fr. Gaspar, ap. D. Vieira) — Hia outro Indio vestido de huma roupa douro, e seda, a palavra do qual o Elephante obedecia (D. de Goes, ib.) — Logo neste conselho lhe obedece (Franc. de Andrade, ib.) — Lugares montanhosos habitados de mouros que lhe não obedecem (D. de Goes, ib.) — Quem é este que o vento e o mar lhe obedecem? (qualis est hic, quia venti et mare obediunt ei?) (A. P., Math. VIII. 27).

Hoje emprega-se o *dativo* e é geralmente rejeitado o *accusativo*, apesar de admittir conversão passiva: *ser obedecido* ou *desobedecido*.

6. **Socorrer** — era, ás vezes, seguido de *dativo* (*socorrer-lhe*) com os nossos classicos, hoje domina o *accusativo* (*socorrê-lo*).

As Virgens quero chamar que lhe quieram socorrer (G. V., ap. D. Vieira) —...quem pudesse não perder ponto de lhes socorrer (A. Prestes, Autos 83, ib.) — Neste tempo vendo o gigante que os seus eram destroçados de todo, começou cóncertar na sella com tenção de os*socorrer e satisfazer sua ira (Palm., cap. 117) — Quasi tinham desamparado os postos por socorrer o baluarte (J. F. de Andr. ap. D. Vieira) — Este que socorrer-lhe não quieria (Lus. 6. 48) — Hoje dizemos *soccorrel-os*, e *socorrer-lhe as necessidades*, ou antes *soccorrel-o nas necessidades* (Dicc. de Moraes).

7. **Succeder** — Ao invés do antecedente regia este *accusativo* (*succedê-lo*) frequentemente, hoje prevalece o *dativo* (*succeder-lhe*).

Dom Theodorico que o succedeu (D. de Goes. ap. D. Vieira) — Succede-o outro Joaquim (A. P., IV R. XXIV) — Succede-lhe Joaccaz, e a Joaccaz succede Joaquim (Id., ib. XXIII) — Abulhasses succedera a seu pae no vasto imperio da Mauritania (A. H. ap. Aulete).

8. **Resistir** — rege *accusativo* e *dativo*, porém, este vae predominando:

E' bom que eu ceda ao meu impulso actual, ou que o resista? (A. C., Faust. 43) — Crês tu que já não foram levantados contra seu capitão, se os resistira (C., ap. Aulete) — Será justo que lhes resistam os seus (A. V., S. 7. 84) — Como havia resistir-lhe, se ella pedia chorando? (G. D. ap. Aulete) — Resistir aos encantos da sereia não era facil (G., ib.).

CAPITULO XI

III. CONCORDANCIA

476. O processo syntactico de concordancia consiste na accommodação flexional do adjectivo, pronome e verbo com o genero, numero e pessoa grammatical do substantivo ou pronome, com que se coordenam.

477. Do latim herdaram o portuguez e as suas irmãs este processo syntactico; porém, como os outros processos, evolucionou este, desenvolvendo-se com o progresso analytico da lingua. No portuguez archaico a concordancia grammatical era, como no latim, simples; não tinha as subtis exigencias da lingua actual, o mecanismo complicado da grammatica hodierna (Vide Gr. Expos. C. Superior pag. 216—232).

478. SYLLEPSE. A certas anomalias deste processo dão os grammaticos o nome de *syllapse* (gr. *comprehensão*), quando a concordancia se opera não com o termo expresso, mas com um termo mental, diverso em genero ou numero. suggerido, alias, pelo expresso, p. ex.:

Vossa Excellencia é bondoso (homem bondoso). — gente... padeçam (Lus. 1. 38).

A concordancia sylleptica é, pois, o que se chama uma concordancia *ad sensum*, *latente* ou *semiotica*.

479. É regra da grammatica expositiva que o predicado concorde em numero e pessoa com o sujeito, e que, portanto, o sujeito determine o numero e a pessoa do predicado.

Soffre esta regra duas violações: casos ha em que o sujeito no *singular* tem o predicado no *plural*, e outros em que o sujeito no *plural* tem o predicado no *singular*.

I. SUJEITO NO SINGULAR COM PREDICADO NO PLURAL.

480. 1.º Dá-se o primeiro caso com o sujeito *collectivo*. Não raro um sujeito representado por um substantivo colectivo no singular leva o predicado ao plural, visto que o colectivo é um *plural logico*, e isto se realiza, principalmente, quando a acção predicativa se apresenta ao espirito practica por cada um dos individuos da collecção, antes que pela collectividade como um todo. Exs.:

Aqui dos Scythas grande quantidade vivem (Lus. 3. 9)
Se esta gente que busca outro Hemispherio
Cuja valia e obra tanto amaste,
Não queres que *padeçam* vituperio (Lus. 1. 38)

Povoam os degraus muita sorte de gente (Souza) — Estavam pegados com elle uma infinidade de gente (Id.) — Simão Mago appellidou um dia o povo para o verem subir aos céos (A. V.) — Grande parte, porém, dos membros d'aquella assembléa estavam longe destas idéas (A. H.) — A maxima parte dos homens morrem aos cincoenta annos (Dr. R. Vasconcellos) — Grande numero de insectos têm vida curtissima (Id.) — Dos cavallos que estavam na dianteyra, mais da metade vierão logo ao chão (F. M. P., Per. 1. 257) — Uma parte dos tributos despendiam-se nestas festas dissolutas (A. H., H. de Port., 7. 21).

O latim e o portuguez archaico eram mais sensiveis á acção logica do sujeito colectivo, do que o é a lingua actualmente:

Magna multitudo convenerant, turba ruunt, o povo traziam (M. Pinto) : povoavam os degraus toda a sorte de gente.

Este phenomeno grammatical explica-se pelo facto que o povo antigo, no inicio, digamos assim, de sua evolução, naturalmente mais se impressionava com a realidade das coisas, do que com a subjectividade representativa das palavras. A concordancia, que assim se opera com a idéa plu-

ral, suscitada pela palavra no singular, se diz *logica* ou *mental*; todavia, percebe-se que a idéa se objectiva, ou reflecte directamente a realidade externa. Hoje não diremos mais com os nossos classicos — *o povo traziam*. O inglez, porém, que em muitos respeitos conserva o genio das linguas antigas, diz normalmente — *people say*, com o predicado (*say*) no plural e com o sujeito (*people*) no singular.

2.º Observa-se ainda esta anomalia nas phrases nominaes, quando o sujeito é representado por nome de coisa ou pelos pronomes neutros — *isto, isso, aquillo, tudo*, e o predicado nominal por um substantivo ou pronome no plural: — *O mundo são homens* (M. B.), *isso são ossos do officio*. Dá-se, como se vê, a attracção do predicado *nominal* sobre o predicado *grammatical*, e esta concordancia é mais commum, quando o sujeito é um pronome neutro, do que a regular (*isso são ossos do officio*). Sendo, porém, o sujeito um nome de pessoa ou ser vivo, não abdica o direito de evocar a si a concordancia verbal: *Ovidio é muitos poetas ao mesmo tempo*. (A. C.).

E tudo eram escusas (J. de B. Dec. I. 401) — Eram tudo memorias de alegria (Lus.) — Tudo isso sois vós ou é vós tudo isso, senhora minha? (A. C.) — A humanidade inteira são elles (A. C. Os Fast. I. 208) — Não são isto herdamentos de coração de trinta annos (A. C. Q. Hist. II. 6) — Tudo neste mundo parecem espinhos e dores (A. G. Dec. I. 108) — E' tudo flores (A. C. Os Fast. I., 7) — A sua carne de hoje era ainda vegetaes (A. C.) — O maior trabalho que tenho, é os pastores com quem trabalho (F. R. Lobo).

3.º Em port., como em lat., um sujeito no singular seguido de um complemento de companhia regido de *com*, leva frequentemente o verbo ao plural, quando exprime o complemento uma cooperação ou coordenação logica com o agente:

A Nancia com todos os seus *ficaram* assaz espantados (F. M. P., Per. 2. 7) — Que eu co' o grão Macedonio e com o Romano *demos* logar ao nome lusitano (Lus. I. 76) — Logo se poderão unir o seu grande cavalleiro com o seu christão (M. B., apud. M. Barreto) — O vingados de Felipe Osorio com o carcereiro chegaram sãos e salvos a Segóvir (C. C. B., ib) — Demosthenes cum coeteris in exilium erant expulsai (C. Nepos, ap. E. Carneiro).

II. SUJEITO NO PLURAL COM PREDICADO NO SINGULAR.

481. A segunda anomalia é a de estar o sujeito no plural e o predicado no singular; offerece ella varios typos syntacticos.

1.º O *primeiro* typo dá-se quando o sujeito plural, indicando quantidade ou tempo, é considerado em seu todo, e não em suas partes, como judiciosamente observa A. Tobler (Mélanges de Gr. Française, p. 298), p ex.:

Cinco mil libras é muito (A. H., Monasticon); dois capitulos é pouco; quatro oitavos é a metade de um inteiro; quanto é dois terços de um meio? é dois sextos; falta muitos dias para os exames (Julio Ribeiro) basta os dictos que elle atira aos filhos e aos creados (Id.); dois annos em seu sexo é espaço de tempo apreciavel; quatro ou cinco mil contos é somma consideravel.

Em todos esses exemplos o sujeito se apresenta ao espirito em seu todo, como uma unidade, e, por isso, queda-se o predicado no singular; desde que, porém, o espirito os encare em suas partes componentes, o predicado deve ir para o plural, p. ex.:

Cinco mil libras não foram pagas, dois capitulos não foram estudados, quatro oitavos foram contados, dois terços foram separados, faltam muitos dias para se concluir o praso, bastam as quotas com que elle tem entrado, dois annos são passados.

E' este um principio que domina em muitas linguas aryanas. Em grego o sujeito neutro do plural deixa o verbo no singular.

Em francez se diz: *Et deux ans dans son sexe est une grande avance* (Mél., ap. A. Tobler, p. 297); *quatre ou cinque mil écus est un dénier considerable* (Ib.). Do mesmo modo em inglez: *In Scandinavia, where, on an average, five years is devoted to French by young students preparing for the University* (Ib.).

O nosso dialecto popular leva esta corrente aryana mais longe do que o literario; pois, como em francez e inglez, é frequente dizer-se em linguagem familiar: *Quanto é hoje? Hoje é sete — Que hora é? É dez horas (il est dix heurs, it is ten o'clock)*. Encontra-se por vezes reacção contra esses principios:

Obs. Chichelo de Judeo, assi como *loste pantuão*, que te custava *ver* uma bolsa com hum par de reales, que são bons para Escudeiro *hypocrita*: que são pouco e *valem* muito. (C. Obs. 3. 7.).

2.º O *segundo typo* syntactico é-nos fornecido pelo sujeito composto de substantivos no singular, que, muitas vezes, quer anteposto, quer posposto ao predicado, deixa-o no singular concordando com o mais proximo. Este phenomeno ainda se observa em bons escriptores hoje, quando o sujeito é posposto e é nome de coisa:

Cantando espalharei por toda a parte, se a tanto me *ajudar* engenho e arte (C.) — Passará o céu e a terra (A. P.) — E' muda a dor e o goso (A. H.) — *Foge-me* a cor e a voz (A. C.) — Nasceu Jacob e Esau (A. V.) — Na estatuaria passou Phidias e Lysippe; na pintura Timantes e Apelles; na architectura passou Meliagones e Democrates; na musica passou Orpheu e Amphion (Id.) — Deste modo entende S. Gregorio e outros muitos Padres aquillo do Salmista (M. B., N. Flor. 4. 347). ap. M. Barreto) — Por este signal saberá minha mulher e filhos o estado em que vim parar (Id., ib.) — Faltou-me o animo e a falla (C. C. B., N. de Lam. p. 26, ib.) — Davíd, e a sua gente se retirou a lugares mais seguros (A. P. 1 Reis XXIV, 23)

3.º O *terceiro typo* nos é apresentado pelos pronomes pessoaes *nós* e *vós*, quando estão por *eu* e *tu*, os quaes, embora levem o predicado grammatical para o plural, podem, todavia, nas phrases *nominaes*, deixar no singular o predicado *nominal*: — Antes *sejamos breve que prolixo* (J. de B.). A *Gramatica de la Lengua Castellana, da Academia*, requer sempre no singular esse predicado nominal: *vos, D. Pablo, sois docto; vos, Clara, sois virtuosa*. Em portuguez egualmente, desde que se ponha claro, em vocativo, juncto ao verbo, o nome a que se refere o sujeito pronominal, o singular se impõe: — *vós, Clara, sois virtuosa*, e não *virtuosas*. Quando, porém, apenas se enuncia o pronome-sujeito, não repugna a muitos de nossos bons escriptores levar o predicado nominal para o *plural*.

Somos chegados com a historia aos annos do Senhor (Souza) — Somos chegados ao ultimo sonho de Xavier (A. V.) — Mui felizes nós (seremos) se fizermos numa ou noutra nota reconhecer a divina toada dessas canções inimitaveis (A. C.) — Estamos persuadidos de que, ao menos em grande numero destes, a conversa era fingida (A. H.) — A este digno official somos devedores pelo que nos tem auxiliado (L. C.)

III. DISCONCORDANCIA GENERICA DO PREDICADO NOMINAL COM O SUJEITO.

482. Constitue ainda uma anomalia syntactica a discon-